



A maternidade divina de Maria Santíssima

"Santa Maria, Mãe de Deus": essa verdade, que a Igreja proclama com gáudio, tem importantes conseqüências para a Redenção do gênero humano, e encontra fundamento até nos aspectos naturais da maternidade

Luiz Sérgio Solimeo

Um dos sentimentos mais puros e mais profundos da alma humana é o amor materno.

Nos próprios irracionais, sob a forma de instinto, esse sentimento se reflete no desvelo com que as fêmeas cuidam de seus filhotes. É comovedora a comparação que o Divino Mestre faz de Si mesmo com a galinha que ternamente abriga sob suas asas seus pintinhos, figura do amor e solicitude que Ele tem pelos homens (Mt. 23, 37).

Na criatura racional, esse sentimento não é um puro instinto, mas decorre dos vínculos especiais de alma que se estabelecem entre a mãe e o filho, desde a gestação. Esta não é um mero processo fisiológico, no qual a mãe transmite ao filho os elementos orgânicos necessários ao desenvolvimento da vida física, mas uma sucessão de relações na qual, de maneira misteriosa, a mãe comunica à criatura que está gerando algo de seu próprio ser.

Essa intimidade entre mãe e filho torna-se tão estreita, que suas vidas ficam ligadas para sempre, afetiva e moralmente. Quase se pode dizer que não são duas vidas, mas como que uma só, de tal maneira as alegrias e as dores, os interesses e as preocupações, os êxitos e os fracassos do filho são partilhados pela mãe como coisa própria, como acontecimentos de sua própria vida. E tanto é assim, que até aos olhos de terceiros as vitórias e triunfos do filho redundam em glorificação da mãe, como suas derrotas e insucessos fazem dela objeto de comiseração, quando não de opróbrio e rejeição. Reciprocamente, em todos os povos, a

maior injúria que se pode fazer a um homem é insultar a sua mãe.

Se tudo isto se aplica ao comum das mães em relação ao comum dos filhos, com muito mais razão se aplica à mais perfeita das mães - Maria Santíssima - em relação ao mais perfeito dos filhos, Nosso Senhor Jesus Cristo. Este é um tema especialmente adequado para a edição de maio, mês que a Santa Igreja dedica a Nossa Senhora.

Co-Redentora

Essas considerações nos ajudam a compreender o papel único de Maria na história da salvação, pois, associando-a Deus Padre ao mistério da Encarnação, associou-a ao mesmo tempo à obra da Redenção. Ao aceitar o convite do Anjo para ser Mãe de Deus, estava a Virgem Santíssima aceitando o convite para ser Mãe do Redentor. Desse modo, Ela escolheu livremente participar de seus terríveis padecimentos e morte na Cruz para nos salvar.



Imagem da Santíssima Virgem da Iniesta (Igreja de São Julião, Sevilha), escondida durante a Invasão muçulmana na Espanha (século VIII), e descoberta num monte da Catalunha, em 1380

Esta é a verdade católica, tão belamente exposta pelo Padre Bainvel: *"que é que Deus propõe a Maria pelo Anjo Gabriel? E sobre o que recai o sim de Maria às proposições divinas? Pede Ele a Maria que queira ser unicamente a mãe de Jesus, sem empenhar-se, depois, na salvação do mundo? Não é assim que o entende a tradição católica; não é essa a idéia que sugere a simples leitura do texto evangélico. O Anjo não fala somente das grandezas pessoais de Jesus. Ele é o Salvador, o Messias esperado, o Rei eterno da humanidade regenerada; é dEle, enquanto tal, que é proposto a Maria ser a mãe. Portanto, propondo-lhe ser a mãe de Jesus, propõe-lhe por isso mesmo cooperar na salvação da humanidade, lia obra messiânica, no estabelecimento do Reino anunciado".* (Apud Pe. Gregorio Alastruey, *Tratado de la Santísima Virgen*, BAC, Madrid, 1952, p. 542).

A maternidade divina de Maria não foi, nem poderia ser, algo de inteiramente alheio à missão salvífica de Jesus. Foi, ao contrário, a raiz de uma cooperação afetiva, contínua e eficiente, que das suaves alegrias da Anunciação chega à dolorosa oblação do Calvário. A *compaixão* de Maria Santíssima, sua união e cooperação com a Paixão de seu Filho, no dizer dos teólogos, tem dois momentos de aceitação voluntária: *ofiat* da Anunciação, pelo qual principiou a nossa Redenção; e o *fiat* do Calvário, pelo qual ela se consumou. Na Anunciação, Maria deu o seu consentimento para a Encarnação do Verbo em seu seio virginal; aos pés

da Cruz, Ela consentiu em que seu Filho fosse imolado para redimir os homens.

"Assim como Ela padeceu e quase morreu com o Filho quando Ele padeceu e morreu - escreve o Papa Bento XV - assim também Ela abdicou dos direitos maternos em favor da salvação dos homens; e, tanto quanto estava em seu poder, ainda imolou seu Filho para aplacar a justiça divina, de modo que se pode dizer com razão que Ela, com Cristo, redimia o gênero humano". (Carta Apostólica Inter Sodalicia, apud J. A. de Aldama SJ, *Mariologia*, in *Sacrae Theologiae Summa*, BAC, Madrid, 1961, t. III, nº 185).

Mãe de Deus

Não se pode, pois, como fizeram muitos hereges ao longo de toda a História, querer separar a Mãe de Deus de seu Divino Filho. Seria uma monstruosidade que repugna a própria natureza.

Assim, quando o ímpio Nestório, Bispo de Constantinopla, ousou negar a maternidade divina de Maria, ensinando que Ela teria dado à luz um simples homem, ao qual depois se uniria o Verbo, a Igreja, no concílio de Éfeso (ano de 431), proclamou que *"a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, pois deu à luz carnalmente o Verbo de Deus feito carne"*. (Denzinger, nº 113). E anatematizou aqueles que se atrevessem a ensinar o contrário.

E o povo de Éfeso, devotíssimo da Santíssima Virgem, acolheu com entusiasmo a condenação do herege: a cidade foi toda iluminada e os Bispos conduzidos - em cortejo pelas ruas à luz de tochas e com o perfume de incenso - pelos efesinos que proclamavam cantando a maternidade divina de Maria.

Nesta hora de tanta confusão, de indiferentismo religioso, de imoralidade, façamos nossa a prece dos efesinos: *"Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós"*.

Mãe de Deus, dignidade quase infinita

Necessário seria compreender quão sublime é a grandeza de Deus, para também se compreender a altura a que foi Maria elevada.



Bastará, pois, somente dizer que Deus fez desta Virgem sua Mãe, para entender com isso que não lhe era possível exaltá-la

mais do que a exaltou.

"Por isso ninguém se maravilhe, adverte S. Tomás de Vilanova, se os santos evangelistas, tão prontos em registrar os louvores de São João Batista, de Madalena, foram tão parcursos em descrever as prerrogativas de Maria. Contentam-se em dizer que 'dEla nasceu Jesus'. Baste-nos isso. Com tais palavras dizem tudo, resumem-lhe todas as excelências, sendo por isso desnecessário que as fossem descrevendo uma a uma".

E descrevê-las para que? Maria é Mãe de Deus, e já não excede com isso a toda grandeza e dignidade que se pode exprimir ou imaginar depois de Deus? pergunta Eádméro.

A Virgem devia ser Mãe de Deus. Precisou, portanto, na linguagem de São Bernardino, ser exaltada a uma certa igualdade com as Pessoas Divinas, por meio de uma quase infinidade de graças.

Segundo S. Tomás, tendo Maria sido feita Mãe de Deus, em razão dessa união tão estreita com o Bem Infinito, recebeu uma certa dignidade infinita, a qual Suarez chama de infinita no seu gênero.

Eis a razão das conhecidíssimas palavras de Conrado de Saxônia: Deus pode fazer um mundo maior, um céu mais extenso, mas não pode fazer uma criatura mais excelsa, do que fazendo-A sua Mãe.

Razão teve, pois, o autor da Salve Rainha de dizer que Deus Criou o mundo por causa dessa Virgem que havia de ser sua Mãe. São Boaventura pôde dizer que o mundo persiste por disposição de Maria.

Que, por amor de Maria, Deus não destruiu o homem depois do pecado de Adão, é sentença de São Bernardino (*Glórias de Maria Santíssima*, 2ª. parte, cap. II, IV, trechos).

Santo Afonso Maria de Ligório